



3.3 FABRICIO SBRUZZI

A nova Praça Roosevelt¹

Fabricio Chiaradia Sbruzzi é engenheiro agrônomo (UDESC - Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina / FIC – Faculdade Cantareira – São Paulo – SP) e desenvolve projetos comerciais, residenciais e de espaços públicos em escritório de paisagismo que leva o seu nome.

¹ Entrevista conduzida por Ramón Stock Bonzi.

1. LABVERDE – Como se deu a sua entrada no projeto da nova praça Roosevelt.

SBRUZZI – Através do escritório de arquitetura Borelli e Merigo Arquitetura e Urbanismo.

2. LABVERDE – Quais foram os critérios para a escolha das novas espécies arbóreas?

SBRUZZI – A maior área da praça está sobre uma grande laje com canteiros com pouca profundidade. Escolher exemplares arbóreos que podem desenvolver adequadamente nestas condições, com sistema radicular não agressivo a impermeabilização e sem comprometer a estrutura da laje foi um deles.

Outro critério importante foi a escolha de árvores nativas, algumas delas pouco empregadas no paisagismo, como o cambuci (*Campomanesia phaea* (Berg) Landr.), a cabeludinha (*Plinia glomerata*), o bacupari (*Rheedia gardneriana*), a grumixama (*Eugenia brasiliensis* Lam). Algumas dessas árvores resgatam a identidade da cidade de São Paulo.



Figura 1 – Projeto de paisagismo – implantação. Crédito: Eng. Fabricio Sbruzzi.

3. LABVERDE – Em que medida a vegetação preexistente influenciou na escolha das novas?

SBRUZZI – Não houve influência na escolha. Havia pouca vegetação na praça, as mais expressivas na maioria árvores exóticas de grande porte localizadas nas laterais da Igreja onde está a única parte da praça em solo permeável. Assim restaram poucas áreas para local espécimes arbóreos de grande porte.

4. LABVERDE – Boa parte da praça acontece sobre laje. Como foi lidar com isso?

SBRUZZI – Limitou bastante o emprego de árvores de grande porte. Isto foi um tanto frustrante.

Também a escolha de espécies vegetais rústicas, adaptadas a deficiência de água foi fundamental na escolha de muitas espécies.

Nas especificações técnicas de preparo do solo e preenchimento dos canteiros especifiquei o uso de “gel para plantio” (polímero super absorvente com alta capacidade de retenção de água), minimizando a perda de água dos canteiros sobre laje.



Figura 2 – O uso de espécies rústicas como a ruélia azul (*ruellia coerulea*) foi critério importante na escolha da vegetação. Foto: Lilian Dazzi Braga.

5. LABVERDE – A nova praça Roosevelt foi criticada por ter pouca vegetação. Seria “seca” demais. Muito construída. Como encara a crítica?

SBRUZZI – Talvez neste primeiro instante para alguns ela pareça “seca”. Foram plantados 232 exemplares de árvores e palmeiras, sendo destes apenas 19 exemplares exóticos.

Alguns espécimes arbóreos de grande porte como o pau-mulato (*Calycophyllum spruceanum* Benth), o jequetibá (*Cariniana legalis* (Mart.) Kuntze) – considerada por muitos como a árvore símbolo de São Paulo – a peroba-rosa (*Aspidosperma cylindrocarpon* M. Arg.) e a Sapucaia (*Lecythis pisonis* Camb.) entre outros são ali encontrados nas poucas áreas de solo permeável.

Acredito que em dois anos quando esses espécimes estiverem mais desenvolvidos a praça seja vista de forma diferente.

Lembrando que a maior parte da praça está sobre uma laje, sendo um fator limitante do espaço verde.

6. LABVERDE – Existe um senso-comum de que os espaços públicos estão sendo cada vez menos usados pela população. Você acha que isso procede ou é uma falsa percepção?

SBRUZZI – Não vejo isso acontecer na Praça Franklin Roosevelt.

Já em algumas outras áreas públicas isso procede, principalmente pela falta de segurança e má conservação.

7. LABVERDE – Uma das áreas que mais faz sucesso é o cachorródromo. Muitos paisagistas acham que cães e jardim são inconsorciáveis. Como foi trabalhar esse espaço?

SBRUZZI – Realmente o convívio desses animais com o jardim é na maioria das vezes difícil.

Na Praça Roosevelt como os canteiros no entorno do cachorródromo são mais elevados em relação ao piso, limita o avanço dos cães sobre eles, favorecendo as plantas.

A escolha do melhor piso para o lugar foi muito discutida, pois também está em cima de laje e receberia uma quantidade grande de excrementos desses animais.

Optamos no final pela grama-batatais (*Paspalum notatum*), grama nativa do Brasil, muito rústica e resistente em cima de uma camada de solo com sistema de drenagem, captação e direcionamento de todo o líquido ali despejado direto para o sistema de esgoto e não de águas pluviais.



Figura 3 – Cachorródromo da Praça Franklin Roosevelt.
Foto: Lilian Dazzi Braga.

8. LABVERDE – Nós sabemos da dificuldade da manutenção de áreas verde em São Paulo. Como sua proposta de paisagem lidou com isso?

SBRUZZI – Foi também algo que influenciou na escolha das espécies vegetais. Como mencionei em resposta anterior, a escolha de espécies vegetais rústicas, adaptadas a deficiência de água e o uso do “gel de plantio” foi fundamental.

9. LABVERDE – No nosso entender, tudo o que diz respeito à praça é objeto de trabalho do paisagista. Como vê essa noção que reduz o paisagismo à escolha da vegetação?

SBRUZZI – O projeto da Praça Franklin Roosevelt foi concebido, discutido e aprovado em conjunto com todos os envolvidos no projeto (arquitetos, engenheiros, EMURB, associação de moradores do bairro entre outros). Participei desde o início de todo o processo de criação, opinando e discutindo quando necessário.

Acredito que todo projeto, não só paisagístico, quando envolvem mais profissionais e área multidisciplinar afins tem seu final mais bem sucedido.

10. LABVERDE – O Sr. entende que há alguma coisa na atual política da prefeitura de São Paulo para Praças que deve mudar ou que pode ser melhorada?

SBRUZZI – Sim, por parte da prefeitura uma melhor preservação e conservação dessas áreas e das árvores e canteiros das vias públicas.

Creio que parte do cuidado e manutenção, não só das praças, mas de todas as áreas públicas em geral, é dever também da população. Ela tem um papel importante de responsabilidade e participação, não transferindo para o poder público toda a responsabilidade.

Acredito na melhor educação da população para mudar, ocupar e se apropriar dos espaços públicos de forma devida, assumindo também a parte que lhe cabe dessa responsabilidade.